



X Congresso Português de Sociologia
Na era da “pós-verdade”? Esfera pública, cidadania e qualidade da democracia no Portugal contemporâneo
Covilhã, 10 a 12 de julho de 2018

Secção/Área temática
Turismo e Lazer

Experiência Turística, Autenticidade e Dark Tourism: reflexões em torno da Área Metropolitana de Lisboa

SANTOS, Ezequiel; ESHTe, Av. Condes de Barcelona, n.º 808, 2769-510 Estoril, Portugal; ezequiel.santos@eshte.pt

JOAQUIM, Graça; ESHTe e Cies.Iscte.Iul, Av. Condes de Barcelona, n.º 808, 2769-510 Estoril, Portugal; gracia.joaquim@eshte.pt

Resumo

O presente artigo desenvolve-se no contexto do projecto de investigação em curso, “Inovação e Futuro: contributos para o desenho da oferta turística na Área Metropolitana de Lisboa” (Lisboa-01-0145-Feder-023368) e explora teórica e empiricamente a pluralidade e a subjetividade da experiência turística, no caso específico do dark tourism emergente nos territórios da AML. Combinamos as abordagens da sociologia e da psicologia ilustrando e analisando material empírico da AML, destacando o caso da “Rota da Resistência do Barreiro”, o qual é discutido à luz dos conceitos de “inscrição” e de “modernidade reflexiva” e contextualizado com o desenvolvimento e heterogeneidade do dark tourism a nível internacional. A investigação em curso aponta para que o dark tourism seja, em algumas perspectivas, a tipologia da integração de narrativas históricas e ontológicas onde entre o recalçamento e a rememoração existe a espera e, nela, a possibilidade de um turismo mais inovador, factor de inscrição social e de humanização.

Palavras-chave: *Dark tourism*; experiência turística; autenticidade; reflexividade.

XAPS-19110

Introdução

O presente artigo desenvolve-se no contexto de um projeto de investigação em curso, “Inovação e Futuro: contributos para o desenho da oferta turística na Área Metropolitana de Lisboa” (Lisboa-01-0145-Feder-023368) e explora teórica e empiricamente a pluralidade e a subjetividade da experiência turística, no caso específico do *dark tourism* emergente nos territórios da AML.

Situamo-nos no quadro da fenomenologia da experiência turística (Cohen, 1979; Rojek, 1995; Uriely, 2005), que se localiza na consciência da experiência turística do sujeito e estuda as práticas turísticas e as transformações subjetivas que estas acarretam. Com efeito, sendo o turismo um domínio com um desenvolvimento exponencial na modernidade tardia e com um crescimento sem precedentes a nível global é importante enquadrá-lo na leitura das ciências sociais enquanto conjunto de práticas caracterizado pela modernização e mercadorização e que integra desafios novos. Uriely (2005) refere-se concretamente a novas disposições, que identifica, ao analisar os desenvolvimentos conceptuais do estudo da experiência turística, a saber: a) a passagem da diferenciação à desdiferenciação entre vida quotidiana e turismo; b) o abandono da generalização em favor do abarcar da pluralidade de descrições da experiência turística; c) uma complementaridade entre teorias em lugar de contradição e; d) a valorização da subjectividade e do compromisso do indivíduo em detrimento do apelo pelas atracções exteriores. Uriely retoma a problematização de MacCannel (1973) ao advogar que a experiência turística é autêntica e promove a autenticidade no sentido de permitir “*quebrar as experiências diárias e começar a viver*” (1973, p.159) sendo a autenticidade encenada do domínio da indústria e não do turista. Deste modo, segundo Cohen (1979) o turista poderia agir em modo recreativo (buscando a mera diversão e promovendo o afastamento da rotina) ou em modo experiencial, i.e. comprometendo-se com a autenticidade, em concreto com a construção da autenticidade existencial conforme proposta por Wang (1999) que, aproximando-se de uma linha filosófica de cariz existencialista, se refere à experiência turística enquanto recurso da exploração e conhecimento de si próprio, separando-a ainda de uma forma de autenticidade objectiva, porque fundada nas qualidades genuínas do objecto ou serviço, ou reconstruída e encenada.

Os gostos e factores de atracção dos turistas liberalizaram-se e particularizaram-se nas últimas décadas; eles são agora os actores e criadores de narrativas de viagem em que a sua subjectividade é estruturadora da experiência (Joaquim, 2015).

Concomitantemente têm-se desenvolvido novas tipologias turísticas a nível da oferta, afastando a ideia de que a experiência turística é homogénea e generalizável sendo o *dark tourism* um dos casos a relevar a partir dos anos 1990. No contexto mais específico da sociologia do turismo o *dark tourism* é um dos exemplos mais paradigmáticos da subjectividade, da pluralidade e das problemáticas da autenticidade que marcam o campo, tendo a primeira abordagem do *dark tourism* surgido efectivamente na sociologia em 1993 quando Rojek problematizou o conceito de *black spot* a propósito da turistificação de sepulturas e locais associados à morte de celebridades. Portugal, e neste caso específico a Área Metropolitana de Lisboa, detém uma história que ao contrário da esmagadora maioria dos países ocidentais não tem sido explorada pelo *dark tourism*. Neste sentido este artigo pretende contribuir para o conhecimento desta tipologia na AML: o seu objetivo principal o de apresentar uma reflexão sobre a oferta do *dark tourism* neste território e, em concreto, discutir o caso da Rota da Resistência do Barreiro.

A metodologia usada é de natureza intensiva e essencialmente qualitativa. Após um ano de visitas ao território para identificação de potencialidades, de análise documental, de entrevistas exploratórias com informantes privilegiados e da realização de *focus groups*, combinamos as abordagens da sociologia e da psicologia ilustrando e discutindo material empírico da AML, contextualizando-o com o vasto desenvolvimento e heterogeneidade do *dark tourism* a nível internacional.

Para tal, recorreremos a um referencial teórico em que os termos recalçamento e pulsão de morte, retirados da terminologia psicanalítica, permitem destacar a importância de que o contacto com a destruição se reveste durante a vida possibilitando a rememoração ou o recalçamento. Se a teoria psicanalítica nos apresenta uma leitura do invisível a partir dos conflitos inconscientes, a fenomenologia traz o invisível ao visível valorizando a experiência perceptiva e a descrição, razão pela qual ambas se podem associar. Desta combinação possível encontramos o exemplo do conceito de “inscrição” proposto por José Gil (2005) e que nos impele a discutir o caso da não inscrição da morte e da tragédia para fins de exploração turística agora à luz da proposta de Giddens (1996) para uma modernidade reflexiva, uma operação necessária de contestação à tradição transpondo uma sociedade humana para formas mais democráticas de convivência nas esferas privada e pública.

Problemáticas

Stone define *dark Tourism* como sendo “o fenómeno pelo qual as pessoas visitam, intencionalmente ou como parte de um itinerário recreativo mais amplo, a mais variada gama de locais, atrações e exposições que oferecem uma (re)apresentação da morte e sofrimento” (Stone, 2006, p. 146). Turismo mórbido (Bloom, 2000), Tanaturismo (Dann & Seaton, 2001; Seaton, 1996), Turismo tóxico (Yankovska & Hannam, 2014) são alguns dos termos também utilizados para uma discussão sobre a natureza do *dark tourism*, criando por vezes alguma confusão conceptual. De modo genérico e, conforme assumimos neste estudo, o *dark tourism* é uma tipologia turística caracterizada por envolver o contacto com lugares, ou encenações, associados a sofrimento, tragédia, perseguições ou morte (Sharpley, 2005; Sharpley & Stone, 2009; Stone, 2012, 2016; Stone & Sharpley, 2008;). Foley e Lennon (1996, 1997, 1999, 2000) aproximando-se do tema da motivação e desejo ao consumo pelos visitantes a locais de morte e desastre realçam o impacto da mercantilização da morte real sobre aqueles, a par da influência cognitiva dos meios de comunicação social e das tecnologias de informação.

Relativamente à tipologia da oferta turística em *dark tourism* existem, igualmente, diversas abordagens. Por exemplo, Dann (1998) apresentou uma sistematização da oferta em cinco categorias principais, dividindo-se em onze subcategorias, e que revelaram enorme variedade de atrações: áreas arriscadas; habitações de horror; campos de fatalidade; visitas tormentosas; locais temáticos.

Fonseca, Seabra e Silva (2016) apresentam um gradiente de experiências *dark* retiradas da proposta de Stone (2006) criando uma escala de produtos (*hard* ou *light*) que se cruza com o grau de elaboração das instalações turísticas e dos requisitos construídos:

- a) Lugares de morte e sofrimento (*hard*) como os campos de extermínio de Auschwitz-Birkenau, mostram menos recursos e infraestruturas turísticas e são estrategicamente mantidos salvaguardando uma atmosfera de crueza e autenticidade objetiva;
- b) Lugares de morte e sofrimento (*light*) mostram mais recursos e infraestruturas, como os parques de diversão com o Comboio Fantasma ou o Castelo do Drácula, com autenticidade encenada.

De acordo com este gradiente são identificadas ainda cinco categorias de produtos, que se distribuem entre os extremos anteriores, de *hard* para *light*: locais de conflito, locais de memória, masmorras/prisões, cemitérios, exposições.

Entre as características de um lugar e o desejo positivo por experiências que envolvem um clima de medo ou uma carga de morbidez, a atenção científica dada à motivação do consumidor deveria, para Stone (2006), estar no centro do debate sobre *dark tourism*.

Embora os motivos que envolvem a escolha de experiências de *dark tourism* tenham sido merecedores de estudo (Fonseca & Silva, 2014; Sharpley & Stone, 2009), é perceptível que eles recaem em esquemas clássicos e que intersectam variadas tipologias e opções de lazer no quadro das práticas do turismo: educação, recreação, busca de sensações físicas, busca de vivências grupais, auto-descoberta.

Deste modo encontramos um campo de oportunidade para a prática de *dark tourism* algo lato, com uma oferta entre limiares fortes e suaves e onde os motivos referidos poderiam ser satisfeitos pelo sujeito, o qual acabará por demonstrar comportamentos universais. Por exemplo, atualmente o hábito de se fotografar produzindo *selfies* é um comportamento que se pode observar nos visitantes um pouco por todo o lado: a *selfie* numa praia contrasta com a *selfie* em cenários que exigem solenidade, como no monumento aos judeus em Berlim. Descontextualização, desrespeito, ou comportamento de mera dessensibilização num sítio procurado por razões educacionais e de curiosidade ontológica (Brown, 2015; Kidron, 2013) e que coloca a experiência da visita próxima dos limiares da autenticidade existencial conforme foi proposta por Wang (1999) e capaz de operar transformação na vida do sujeito (Brown, 2012; Kirillova, Lehto & Cai, 2016; Steiner & Reisinger, 2006). Com a mesma valência da autenticidade existencial consideraríamos a visita de turistas afro-americanos às antigas prisões de escravos no Gana: Mowatt e Chancellor (2011) elucidam-nos como o governo preferiu manter estes lugares com os seus traços constituintes realistas, sem maquilhagem, ainda com um arquivo de sangue e excreções: sob a superfície de uma motivação educacional ou recreativa radica uma profunda experiência de resignificação ontológica e transcultural para os visitantes, muitos deles viajando desde os EUA e descendentes de antigos escravos.

Neste sentido, o problema da motivação tão do gosto de uma psicossociologia do turismo¹, parece-nos de interesse secundário pelas razões que a seguir se resumem:

- i) É possível operar uma leitura dos motivos psicológicos e anulá-la recorrendo ao conceito de autenticidade existencial, numa atitude pelo indivíduo de busca por experiências passíveis de reenquadrar a sua narrativa de vida, o que pode ser analisado fazendo convergir os quadros teóricos referenciais da teoria psicanalítica, fenomenologia existencial e sociologia do turismo; assim, constataríamos a busca

por experiências de medo e horror ontológico, ou simples diversão e recriação à maneira de um filme de terror;

ii) Sendo o *dark tourism* uma forma de turismo que contém um potencial profundamente humanista e que nos confronta com aspetos destrutivos da nossa natureza, a abordagem deveria ser mais radical, discutindo o *dark tourism* a partir das suas zonas basilares de conflito.

iii)

Desde Freud, embora certamente inspirado primeira e filosoficamente por Nietzsche, que assumimos explicitamente a existência de uma pulsão de morte, a par da pulsão de vida, que nos molda pessoal e culturalmente para a destruição, o declínio e o desaparecimento. Freud sugeriu inclusivamente, nos seus textos tardios mais interpretativos de fenómenos sociais e civilizacionais, que a razão para o desenvolvimento da vida humana é a sua evanescência:

Se aceitarmos como verdade sem excepção que tudo o que é vivo morre por razões internas – se torna de novo inorgânico- então ver-nos-emos obrigados a afirmar que «o alvo de toda a vida é a morte» e, em retrospectiva, que «as coisas inanimadas existiram antes das vivas», ... Vista sob esta luz, a importância teórica dos instintos de autoconservação, de auto-afirmação e de denominação diminui drasticamente. São instintos parciais cuja função é a de assegurar que o organismo siga o seu próprio caminho até à morte, e evitar quaisquer modos possíveis de retorno à existência inorgânica, além daqueles imanentes ao próprio organismo. (1989/1920, pp.255-256).

Trata-se aqui da pulsão de morte, posteriormente aprofundada com argúcia e sensibilidade pela escola kleiniana que vem destacar todo o complexo de relações psicossomáticas precoces entre a mãe e o recém-nascido, relação por onde a agressão ao outro passa por ser um disfarce da morte. Ou, numa interpretação para a vida adulta e de todos os dias, ancorada na fenomenologia existencialista que se cruzou com a leitura psicanalítica, a angústia e o medo perante a imponderabilidade da vida em permanência com a certeza da morte determinaria as pessoas a recorrerem a experiências que aumentam precisamente a ansiedade de existir, como uma forma de pré-experiência, e por isso a busca por lugares monumentais próximos da vivência do trágico e da dor. Ou de fuga e opção por escolhas não autênticas quando o sujeito vive uma existência caracterizada como má-fé, na nomenclatura sartreana.

Numa leitura sociológica a (in) segurança ontológica e a angústia existencial de Giddens (1994) sugere também uma possibilidade de interpretação de alguns destes fenómenos, quando considerada esta linha de abordagem.

Recordemos este episódio: em Lisboa, em 2005, o antigo edifício da polícia política do período do Estado Novo e da ditadura de Salazar, na Rua António Maria Cardoso, ao Chiado, foi convertido em condomínio de luxo².

E este caso, em análise sucinta, exige um movimento de retorno ao início desta reflexão, de novo à psicanálise, porque na sua génese teórica há duas funções às quais é dado igual poder: recordar ou esquecer. Sendo ambas distintas nas suas consequências, ligam-nas, como elo, o factor da importância, i.e., por que é que um facto se recorda, ou por que é que outro facto se esquece. O recalcado retorna, contudo, em comportamentos irrefletidos ou somatizado, e o que se segue não costuma ser aprazível para o sujeito na transposição para uma fórmula de vida em que o grau de sofrimento decorre do tempo de acumulação da dor psíquica. Isto significa que é preferível tomarmos conta dos registos narrativos que existem, mesmo aqueles mais duros à consciência e difíceis de integrar, para não sermos surpreendidos mais tarde e voltarmos a cometer os mesmos erros, como indivíduo e como coletivo humano. De facto, se recuperarmos alguns episódios na história da AML (cf. Quadro 1) passíveis de exploração organizada em *dark tourism*, em vertentes mais lúdicas ou realistas, observamos que alguns acontecimentos se repetem tragicamente como as cheias, incêndios, perseguições, traduzindo o retorno do recalcado freudiano agora para uma versão de disforia social cíclica.

A propósito deste tema, o filósofo José Gil dirige-se-lhe como sendo o fenómeno da não inscrição na sociedade portuguesa. Se inscrever-se significa produzir real, pois “*É no real que um acto se inscreve porque abre o real a outro real*” (2005, p. 48), temos a não inscrição como a metáfora do nevoeiro de uma sociedade onde ainda segundo Gil o diálogo com o outro é escasso, o não debate é uma condição entre pares, e uma não circulação de forças impede um verdadeiro espaço público, “*espaço aberto de expressão e de trocas, essencial para que a liberdade e as trocas circulem num campo social*” (2005, p. 25). Por isso, ao escolher exemplarmente o episódio da Rua António Maria Cardoso, não é estranho recuperarmos ainda uma vez as palavras de Gil:

O 25 de Abril recusou-se, ..., a inscrever no real os 48 anos de autoritarismo salazarista. Não houve julgamentos de Pides nem de responsáveis do antigo regime. Pelo contrário, um imenso perdão recobriu com um véu a realidade repressiva, castradora, humilhante de onde provínhamos, ..., Com efeito, no tempo de Salazar,

«nada acontecia» por excelência. Atolada num mal difuso e omnipresente, a existência individual não chegava a vir à tona da vida. (pp. 16-17).

Que uma sociedade saiba olhar para si própria é um pensamento imperativo de Giddens (1994, 1996) a propósito do tema da reflexividade na modernidade: “*A reflexividade da vida social moderna consiste no facto de as práticas sociais serem constantemente examinadas e reformadas à luz da informação adquirida sobre essas mesmas práticas, alterado assim constitutivamente o seu carácter.*” (1996, p. 27).

Giddens demonstra como a consciência sobre a condição da reflexividade pode ser importante para reparar “solidariedades danificadas” em famílias e comunidades. Uma sociedade reflexiva seria caracterizada pelo diálogo, gerando um espaço privado mais democrático e facilitando a construção da democracia pública.

Deste modo, sugerimos que uma reflexão sobre o *dark tourism* poderá desocultar as complexas relações subjetivas, éticas e políticas implicadas na oferta e na experiência desta tipologia, assim como as abordagens sociológicas da autenticidade existencial inter e intra pessoal (Wang, 1999).

A AML: o caso da Rota da Resistência do Barreiro

Portugal, e neste caso específico a Área Metropolitana de Lisboa, detém uma história que ao contrário da esmagadora maioria dos países ocidentais não tem sido explorada pelo *dark tourism*: a inquisição, a perseguição aos judeus, as guerras neo-liberais, a rota da escravatura, o controlo aos cidadãos pelo Estado Novo, a miséria dos actores do mundo rural após a chegada à Lisboa de início do Séc. XX, as cheias de novembro de 1967 na área de Loures, as grandes Cheias em Vila Franca de Xira³, a vida trágica das comunidades piscatórias. Factos e pessoas profusamente trabalhadas pelas ciências, pelas artes⁴ e pelo género literário e com uma presença diminuta no turismo de memória, exatamente no sentido social da rememoração.

O acto de recordar permite-nos aceder a uma narrativa histórica e documental, se ela for coletiva, ou reconstruída, se ela for pessoal. A escrita, diz-nos Platão no “Fedro” como modo de advogar o primado da experiência, não é o remédio para a memória e sim para a rememoração⁵. Sendo a escrita ambivalente (e, por extensão diríamos, outros registos edificadas, documentados em arquivo ou fotografados), por se tratar de uma marcação que não mapeia a totalidade da experiência deixando fendas na memória, é a experiência que pode valer-nos e deste pensamento emerge a importância da inclusão de lugares de

memória como condição propedêutica a uma experiência turística que catalisa a autenticidade: é necessário testemunhar e viver corporalmente esses lugares e só depois decidir, tomando uma posição ética sobre o que fazer: se os esquecemos ou relembramos. Enfrentar fantasmas, inscrevê-los na existência para resignificar as várias narrativas individuais, ou confrontá-los reflexivamente é o que uma comunidade poderá escolher fazer para incrementar as suas relações de autenticidade.

Por isso uma discussão profunda sobre o *dark tourism* abrange necessariamente a uma posição eticamente construída, i.e., analisando os seus dispositivos e o modo como nos revemos neles para discernir, agora e sempre, os elementos de incerteza e de apelo à destruição que pairam sobre a nossa humanidade, sem nos deixarmos conduzir deterministicamente por eles, encontrando linhas de sentido nas nossas decisões e escolhermos como queremos viver, comunidades, cidadãos e profissionais do turismo.

Quadro 1: Episódios históricos e produtos para exploração potencial em *dark tourism* na AML

MUNICÍPIO	DESCRIÇÃO	EXPLORAÇÃO
Almada	Presidio da Trafaria	Não
Barreiro	Rota da Resistência	Sim
Cascais	Cheias de 1979	Não
Lisboa	Terramoto de 1775; assassinato dos Távora (Belém); perseguição aos judeus (baixa pombalina); inquisição (fundações e assombração do Teatro Nacional D. Maria II); Guerras liberais e relação com as ruas da cidade; roteiro visitável das prisões e lugares de perseguição associados ao Estado Novo.	Não
Loures	Cheias de 1967	Não
Mafra	Visita aos morcegos da biblioteca do convento de Mafra na noite das bruxas	Sim
Sintra	Noite das bruxas no museu de S. Miguel de Odrinhas; encenações de histórias macabras e de crime em palácios e casas do município por companhias de teatro; passeios na serra pela lua cheia e caminhadas e rotas envolvendo lugares e casas assombradas na serra; monumento de homenagem aos bombeiros no combate ao grande fogo da serra de Sintra em 1968 (Peninha).	Sim (apenas as encenações e assombrações)
Vila Franca de Xira	As grandes Cheias do rio Tejo	Não

A Rota da Resistência do Barreiro (Câmara Municipal do Barreiro, 2013) é um ponto de exceção à fraca atenção devotada ao *dark tourism* na AML. No texto do folheto sobre a “Rota da Resistência do Barreiro”, da Divisão de Cultura e Património Histórico

e Museológico (Almeida, 2013), são descritos em detalhe os factos que ligam a História da Resistência a vários locais da cidade, de 1934 a 1973: “Largo do Casal”; Rua da Bandeira; Praça da República; Oficinas dos caminhos-de-ferro do Sul e Sueste; Pensão Barreiro; Parque Dr. Oliveira Salazar; Luso Futebol Clube; Rua António José de Almeida e Rua Combatentes da Grande Guerra; Largo 3 de Maio e Teatro Cine-Barreirense.

Esta Rota pretende preservar e divulgar um património, a pretexto da rememoração da resistência antifascista, identificando lugares que são, por si mesmos, “lugares de memória”. Retomando o gradiente de tonalidades de *dark tourism* proposto por Stone (Fonseca, Seabra & Silva, 2016; Stone, 2006) observamos que a rota recaí num território mais escuro e *hard*, em oposição às propostas mais claras e de entretenimento. Identificados estes factores é de considerar o facto de a rota se religar a localizações autênticas, palco de perseguições e tragédias com influência política e ideológica, não deter infraestruturas turísticas adicionais de promoção ao produto, apresentar um propósito educacional elevado, e ligar-se a intuítos de conservação e evocação de episódios históricos sem primar pela comercialização.

O território liga-se à memória, função psicológica que sequencia unidades de sentido e que se inscrevem nas mundivivências do sujeito e do seu colectivo e, neste caso, ao permitir-se que a emoção habite o espaço colectivo do Barreiro este transforma-se numa multiplicidade de lugares habitados, humanizados e investidos de pensamento como é referido na página 14, em conclusão, do texto: “*Outros lugares, outras datas seriam possíveis de enunciar. A cultura de resistência que caracterizou o Barreiro desde os anos da I República integra hoje a memória colectiva da cidade e afirma-se como pilar basilar da sua identidade.*”

Esta reactivação da memória é mediada através do compromisso da Câmara Municipal do Barreiro, pela divulgação da rota e sua vivificação trazendo a si a presença dos cidadãos, com o exemplo do percurso realizado a 28 de abril de 2013, contando com um grupo de três dezenas de pessoas, as quais percorreram a pé ou de bicicleta, os diversos lugares que marcam a História da Resistência do Barreiro – “terra vermelha”, numa iniciativa inserida no programa das comemorações do 39º aniversário do 25 de abril promovido pela Câmara Municipal⁶. Simultaneamente, o exercício da rota permite, como numa procissão, experienciar a cidade no seu palimpsesto arquitectónico e sociológico: é uma resignificação da memória histórica através do espaço público facilitando uma narrativa de inscrição nos barreirenses, desde a resistência política aos

tempos áureos da exploração fabril, e dos visitantes que podem imergir no tecido produtivo e criativo da cidade, potenciando uma afirmação de mudança intrapessoal através do direito colectivo e fornecendo um sentido actual à expressão de Henri Lefebvre: o direito à cidade.

Podemos aplicar aqui as teses de Giddens (1996) quanto à modernidade reflexiva, como ainda aproveitar esta oportunidade de reflexividade e estudar a fundo o caso da comunidade do Barreiro, as práticas e significados existentes no último meio século, nomeadamente a sua forte tradição da prática associativista, as significações partilhadas pelos seus habitantes, analisar as categorias de representação social pensadas e impensadas⁷. Sobretudo, se atentarmos também a novas formas de criatividade associativa que abrangem padrões contemporâneos e experimentais de grande cosmopolitismo, a discussão sobre a reflexividade poderá desejavelmente alargar-se à reflexividade estética e hermenêutica na proposta de Lash (Beck, Giddens & Lash, 2000). De facto, várias colectividades artísticas, a ADAO sendo a mais exemplar, têm imprimido um movimento artístico de fusão entre propostas experimentais e outras acessíveis à população, através de festivais populares, de artes performativas em associação às artes plásticas e à gastronomia, ou da exploração da rota de arte urbana do Barreiro.

Por fim a “Rota da Resistência” do Barreiro é ainda ilustradora do estudo de Heidelberg (2015) sobre o papel dos governos locais, enquanto *stakeholders*, relativamente à utilização de lugares de memória para exploração no *dark tourism*: segurança, compromisso ético nos serviços prestados, honestidade quanto ao benefício económico que a comunidade poderá extrair, assim como do respeito demonstrado pela comunidade envolvendo-a nas fases de planeamento, presença e discussão dos impactes do turismo assegurando que a comunidade tem uma voz no comando da sua própria história.

Conclusão

O século XXI apresenta no contexto do turismo processos de transformação, mudança, metamorfoses praticamente quotidianas onde a pluralidade dos tipos e experiências turísticas é sistémica, global e de crescimento exponencial. A proliferação de ofertas de *dark tourism* é um dos aspectos significativos deste processo de turistificação mundial tendo a primeira abordagem a esta tipologia surgido na sociologia em 1993, quando Rojek problematizou o conceito de *black spot* a propósito

da turistificação de sepulturas e locais associados à morte de celebridades. *O dark tourism* é, em algumas perspectivas, a tipologia da integração de narrativas históricas e ontológicas onde entre o recalçamento e a rememoração existe a espera e, nela, a possibilidade de um turismo mais inovador, factor de inscrição social e de humanização. Noutras, um dos expoentes máximos da mercadorização banalizando e encenando o sofrimento, tornando o turismo a indústria da alienação e do simulacro. No âmbito da AML permanece uma tipologia com potencial e por explorar, para além da exploração turística de alguns produtos, sobretudo em Lisboa e Sintra, e ligado a uma vertente mais *light* e encenada. Uma análise ao caso da “Rota da Resistência” na cidade do Barreiro deixa evidente que o *dark tourism* é conciliável com a necessidade de inscrição e de reflexividade nas comunidades da modernidade potenciando a autenticidade intra e interpessoal. Este artigo resulta de um projecto em curso que evoluirá ainda para uma operacionalização através do desenho de itinerários de *dark tourism* na AML.

No quadro da sociologia do turismo o *dark tourism* permanece um dos exemplos mais paradigmáticos da subjectividade, da pluralidade e das problemáticas da autenticidade neste campo.

Nota

Por decisão pessoal, os autores do texto não escrevem segundo o novo acordo ortográfico.

Notas

¹ Sem pretender aprofundar a questão, recordamos que a capacidade de encontrar resposta às exigências e preferências dos turistas tem produzido diferentes abordagens teóricas associando a psicologia da motivação à procura turística, correndo o risco de poder ignorar toda uma complexidade de variáveis (caracteriais, ambientais e disposicionais) ou, como recorda Pierce (1993, cit por Prentice, 2007) pode ser difícil compreender a real motivação dos turistas e “*é necessário ter cautela com as metodologias sumárias frequentemente utilizadas para descobrir alegadas motivações. A maior parte das motivações que se vão buscar desta forma são melhor descritas como ‘razões’ para fazer uma viagem, em vez de motivações*”. In Prentice, R. (2007). Motivação do turista e tipologias. *Compêndio de Turismo* (Alan A. Lew, C. Michael Hall & Allan M. Williams, Eds.). Lisboa: Instituto Piaget.

²Ver notícia em: <https://www.publico.pt/2005/02/06/jornal/camara-aprovou-condominio-na-antiga-sede-da-pide-4556>

Apesar dos protestos (Associação Movimento Cívico Não Apaguem a Memória <http://maismemoria.org/mm/2006/07/20/locais-de-memoria/>), a construção avançou, permanecendo no edifício a placa que ali fora colocada a 25 de Abril de 1980 por um grupo de cidadãos, dando conta das

quatro pessoas que foram mortas pela polícia do antigo regime no dia da revolução. Em 2014 esta placa é roubada sendo substituída por uma réplica impondo a correlação histórica do lugar com o Estado Novo.

Ver: <https://sol.sapo.pt/artigo/104033/c-mara-de-lisboa-repoe-placa-na-ex-sede-da-pide>

Entretanto, em Abril de 2015, em Lisboa, é inaugurado o Museu do Aljube-Resistência e Liberdade: <https://www.museudoaljube.pt/>

³ Ver: https://www.apambiente.pt/_zdata/Divulgacao/Publicacoes/Tagides/TAGIDES_01.pdf

⁴ Trabalhado artisticamente pelo Projecto Madura 55, na comunidade de Algés, Oeiras, no espectáculo “A Lama nos Bolsos, sobre o acontecimento das Cheias de 1967 – Lisboa e arredores” comemorativo dos 50 anos da tragédia. Ver: <https://www.facebook.com/MADURA55/videos/1949496112036011/>

⁵ In *Fedro* (José Ribeiro Ferreira, Trad.). Lisboa: Edições 70: “...essa descoberta provocará nas almas o esquecimento de quanto se aprende, devido à falta de exercício da memória, porque confiados na escrita, é do exterior, por meio de sinais estranhos, e não de dentro, graças a esforços próprios, que obterão as recordações. Por conseguinte, não descobriste um remédio para a memória (*μνήμη*), mas para a recordação (*ἀναμνησκομένους*)” (Platão, 1997, 275a-b).

⁶ Ver notícia: https://www.cm-barreiro.pt/pages/714?news_id=2758

⁷ Testemunho de uma mulher de meia-idade, de extracto social médio-alto, natural do Barreiro, e que se mudou para Lisboa na primeira década deste século ponderando actualmente voltar a habitar na cidade onde cresceu: “...existe um ambiente especial no Barreiro, uma cultura de cooperativismo. Mesmo se as diferenças sociais existem, e às vezes elas são pesadas, e mesmo que o Barreiro tenha perdido população nos anos 1990”.

Referências

Almeida, V. (2013). “Rota da Resistência do Barreiro”. Barreiro: Divisão de Comunicação/Câmara Municipal do Barreiro. Retirado a 3 de julho de https://www.cmbarreiro.pt/cmbarreiro/uploads/writer_file/document/4635/rotadare-sistenciafolheto.pdf

Beck, U., Giddens, A. & Lash, S. (2000). *Modernização Reflexiva - Política, Tradição e Estética no Mundo Moderno*. Oeiras: Celta Editora.

Bloom, T. (2000). Morbid Tourism – a postmodern market niche with an example from Althorp. *Norsk Geografisk Tidsskrift – Norwegian Journal of Geography*, 54, pp. 29-36.

Brown, L. (2012). Tourism: A Catalyst For Existential Authenticity, *Annals of Tourism Research*, 40, 176–190, doi: [org/10.1016/j.annals.2012.08.004](https://doi.org/10.1016/j.annals.2012.08.004)

- Brown, L. (2015). Memorials to the victims of Nazism: the impact on tourists in Berlin, *Journal of Tourism and Cultural Change*, 13(3), 244-260, DOI: 10.1080/14766825.2014.946423
- Câmara Municipal do Barreiro (2013). Rota da Resistência/"Lugares de Memória" são visitados no Barreiro. Retirado a 3 de julho de https://www.cm-barreiro.pt/pages/714?news_id=2758
- Cohen, E. (1979). A Phenomenology of Tourist Experiences. *Sociology*, 13 (2), 179-201.
- Dann, G. (1998). *The Dark Side of Tourism*. Provence: Centre International de Recherches et d'Etudes Touristiques.
- Dann, G., & Seaton, A. (2001). Slavery, contested heritage and thanatourism. *International Journal of Hospitality and Tourism Administration*, 2(3/4), 1-29.
- Foley, M., & Lennon, J. (1996). JFK and dark tourism: A fascination with assassination. *International Journal of Heritage Studies*, 2(4), 198-211.
- Foley, M., & Lennon, J. (1997). Dark tourism: A ethical dilemma. In M. Foley, J. Lennon, & G. Maxwell, *Hospitality, tourism and leisure management: Issues in strategy and culture* (pp. 153-164). Londres: Cassell.
- Foley, M., & Lennon, J. (1999). Interpretation of the unimaginable: The U.S. Holocaust Memorial Museum, Washington, D.C., and "dark tourism". *Journal of Travel Research*, 38(1), 46-50.
- Foley, M., & Lennon, J. (2000). *Dark Tourism" – The Attraction of Death and Disaster*. Londres: Thomson.
- Fonseca, A. & Silva, C. (2014). Motivações de procura do dark tourism como uma forma alternativa de turismo. *Turismo & Desenvolvimento* 21, 173-175.
- Fonseca, A., Seabra, C., & Silva, C. (2016). Dark Tourism: Concepts, Typologies and Sites. *Journal of Tourism Research & Hospitality* S2-002. doi:<http://dx.doi.org/10.4172/2324-8807.S2-002>

- Freud, S. (1989). Além do princípio do prazer. In *Textos Essenciais da Psicanálise – Volume I*. Mem Martins: Publicações Europa-América. (1920).
- Giddens, A. (1994). *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta.
- Giddens, A. (1996). *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta.
- Gil, J. (2005). *Portugal, Hoje – O Medo de Existir*. Lisboa: Relógio D' Água.
- Heidelberg, B. (2015) Managing ghosts: exploring local government involvement in dark tourism, *Journal of Heritage Tourism*, 10(1), 74-90, DOI: 10.1080/1743873X.2014.953538
- Joaquim, G. (2015), *Viajantes, Viagens e Turismo. Narrativas e Autenticidades*. Lisboa: Mundos Sociais.
- Kidron, C. (2013). Being There Together: Dark Family Tourism And The Emotive Experience Of Copresence In The Holocaust Past. *Annals of Tourism Research*, 41, 175–194, <http://dx.doi.org/10.1016/j.annals.2012.12.009>
- Kirillova, K., Lehto, X., & Cai, L. (2016). Tourism and Existential Transformation: An Empirical Investigation. *Journal of Travel Research*, 1–13, DOI: 10.1177/0047287516650277
- MacCannel, D. (1973). Staged Authenticity: Arrangements of Social Space in Tourist Settings. *American Journal of Sociology*, 79, 589-603.
- Mowatt, R., & Chancellor, C. (2011). Visiting Death And Life Dark Tourism and Slave Castles. *Annals of Tourism Research*, 38(4), 1410–1434. doi:10.1016/j.annals.2011.03.012
- Rojek, C. (1993). *Ways of Escape*. Basingstoke: Macmillan.
- Rojek, C. (1995). *Decentring Leisure, Rethinking Leisure Theory*. London: Sage.
- Seaton, A. (1996). Guided by the dark: From thanatopsis to thanatourism. *International Journal of Heritage Studies*, 2(4), 234-244.

- Sharpley, R. (2005). Travels to the Edge of Darkness: Towards a Typology of “Dark Tourism”. In C. Ryan, S. Page, & M. Aicken, *Taking Tourism to the Limits: Issues, Concepts and Managerial Perspectives* (pp. 215-226). Londres: Elsevier.
- Sharpley, R., & Stone, P. (2009). *The darker side of travel: The theory and practice of dark tourism*. Bristol: Channel View Publications.
- Steiner, C. & Yvette Reisinger, Y. (2006). Understanding Existential Authenticity. *Annals of Tourism Research*, 33(2), 299–318.
- Stone, P. (2006). A dark tourism spectrum: Towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions. *Interdisciplinary International Journal* 52, 145-160.
- Stone, P. (2012). Dark Tourism And Significant Other Death Towards a Model of Mortality Mediation, *Annals of Tourism Research*, 39(3), 1565–1587, <http://dx.doi.org/10.1016/j.annals.2012.04.007>
- Stone, P. (2016). Enlightening the ‘dark’ in dark tourism. *Interpretation Journal*, 21(2), 22-24.
- Stone P., & Sharpley, R. (2008) Consuming dark tourism: A thanatological perspective. *Annals of Tourism Research*, 35, 574-595.
- Uriely, N. (2005). The Tourist Experience Conceptual Developments. *Annals of Tourism Research*, 32(1), 199-216.
- Wang, N. (1999). Rethinking Authenticity in Tourism Experience. *Annals of Tourism Research*, 26(2), 349-370.
- Yankovska, G. & Hannam, K. (2014). Dark and toxic tourism in the Chernobyl exclusion zone. *Current Issues in Tourism*, 17(10), 929–939, <http://dx.doi.org/10.1080/13683500.2013.820260>